

DISCURSOS E DIVERTIMENTOS POPULARES: AS CORRIDAS DE CAVALOS EM CAMPINAS NA DÉCADA DE 1870

Danilo Ciaco Nuns¹

danilociaconunes@gmail.com

Carlos Fabre Miranda^{1,2}

carlosfabremiranda@gmail.com

Sandro Prudêncio¹

san.prudencio@hotmail.com

¹Universidades Estadual de Campinas (UNICAMP)

²Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS)

RESUMO

O objetivo deste trabalho é discutir, a partir de uma problematização histórica, a criação do Jockey Club de Campinas e as relações entre o modo de produção de vida e os divertimentos populares. Para tal, analisa-se a literatura dos cronistas do período, as publicações de jornais da época e o campo da historiografia social da cidade. Desse modo, é possível perceber as afinidades dos discursos da organização do divertimento e a nova realidade da produção que se estabelecia.

PALAVRAS-CHAVE

atividade de lazer, história, Campinas

INTRODUÇÃO

A fundação do Jockey Club de Campinas (1878), guarda íntimas relações com as transformações da cidade. “O primeiro *rush* cafeeiro” Semeghini (1991, p. 37), que proporcionou que o acúmulo do capital pela produção de café dobrou entre 1860 e 1872, permitiu entre outros, a fundação da Companhia Paulista em Campinas (1868) ligando as fazendas locais a malha ferroviária de escoamento das produções, a construção da Companhia Lindgerwod (1868), indústria de montagem de máquinas de beneficiamento de café e a formação da Associação Auxiliadora de Colonização (1871), promovem as transformações que permitiram a mecanização do beneficiamento, a diminuição dos custos do frete e das perdas e o deslocamento da força de trabalho do imigrante cada vez maior. Tal fato permitiu, “além do produtor cafeeiro um aumento significativo da produtividade e de seus lucros, a incorporação de um mercado local crescente na cidade”, Galzerani (2016, p. 27) a criação de um importante periódico bissetimanal, a Gazeta de Campinas (1869), espaço de divulgação e debate das ideias e ações liberais e republicanas, fontes deste estudo.



Essa condição culmina no que Amaral Lapa (1992, p. 286) descreve, partir da década de 1870, como uma cidade que “consolida-se e expande-se” e principalmente uma cidade com novos processos produtivos, essa cidade, que se transforma, encontra novas ideias e novos comportamentos, concebendo a cidade e suas práticas socioculturais e disciplinas na correlação entre as tradições e novos hábitos.

O objetivo desta pesquisa é problematizar historicamente as práticas socioculturais relacionadas as corridas de cavalo nas décadas de 1870 e 1880, em Campinas, e o controle do tempo como domínio da vida dos indivíduos e organização social a partir de cronistas e periódicos da época.

Uma revisão crítica das fontes apresentadas pelo trabalho se faz necessária à luz de Marx (1987, p. 29-30), do Materialismo Histórico-Dialético de um todo que se apresente pela junção/relação com as partes. Sob a categoria da totalidade onde se parte do real, do concreto, dando a visão de totalidade, em compreensão da sociedade como um todo, um conjunto de determinações que se integram e minunciosamente se relacionam, temos o concreto como a síntese de múltiplas determinações, ou seja, a unidade do diverso. Dialeticamente, o concreto “aparece no pensamento como o processo da síntese, como resultado, não como ponto de partida, ainda que seja o ponto de partida efetivo e, portanto, o ponto de partida também da intuição e da representação” (MARX, 1996, p. 39-40).

Neste sentido, para a análise das fontes coletadas para compreender seus determinantes reais e concretos, é preciso perceber o movimento do geral para o particular, do macro para o micro e do simples para o complexo, em sentido dialético que considere a mediação entre o todo e as partes, as contradições inerentes; o concreto e as múltiplas determinações, que são responsáveis pela existência de um fenômeno.

AS PARELHAS E OS DISCURSOS EM CAMPINAS

O cronista Leopoldo Amaral (1925, p. 354) percebe o encanto dos campineiros pelas “corridas - ou parelhas” de cavalos a partir da década de 1860, uma raia na avenida Andrade Neves, duas raias paralelas juntas e abertas, acompanhados por botequins e algumas arquibancadas para as famílias. “Geralmente a tarde, o povo corria pressuroso as festas”, e após as corridas, os “bailes alegres” provocavam confusões nos botequins, rixas e desordens causavam dificuldades de controle pela polícia.

Ao “grito do juiz”, os pelhereiros comandavam seus cavalos em “vertiginosos galopes”. Por vezes animais e parelheiros menos experientes perdiam o sentido da raia, causando alvoroço e espalhando o povo que acompanhava as corrias para todos os lados.

O jornal Gazeta de Campinas no artigo intitulado “Corrida” Souza (1871, p. 1-2). O escritor apresenta uma melhoria a cidade que todos poderiam e deveriam beneficiar-se: um Prado. Entre os bons motivos apresentados na coluna estariam as disponibilidades de terrenos apropriados e a riqueza suficientes da cidade para sustentar tal Prado, ainda que este não se equivalesse a referência da capital do império, mas sustentasse o mesmo *systema* para garantir o impedimento as carreiras desleais então existentes.

Quem governa as corridas são os próprios corredores, caboclo ou negro, carregadores de ideias “atrasadas e velhacas”, onde muitas vezes o cavalo ganhador não era o mais ligeiro, mas outros vulgares, frutos de trapaça pela compra dos adversários. Não se apostaria então na “bondade dos cavalos”, mas na “velhacaria” dos corredores, tamanho disparate proveria o termo *palhereiros* por vezes usado como sinônimo de tratante.

O jornal publica em sua coluna *annuncios* em nome de “um parelheiro” nota sobre a suspeita da disputa anunciada para o dia 18 de Janeiro de 1872, uma quinta-feira, às três horas da tarde na Raia do costume, o afamado Chato versus Tamanduá, cavalo que andaria, segundo comentário elogioso, com o “topete erguido”, mas que estivessem todos atentos para que não se repetisse a situação da corrida em Limeira, um empate entre Tamanduá e Pampa, providenciado via interesse de um dos jogadores.

A solução para tal começaria pelo tal Prado fechado e com cobrança das entradas, assim propiciando o interesse e o divertimento de “muitos homens bons” que procuram o prazer, afastando assim tratantes interessados apenas no dinheiro ganho deslealmente.



Referências são apresentadas na argumentação, apresentando as parelhas em terras europeias as festas mais concorridas e no Rio de Janeiro. Está para o escritor mesmo nas abjetas condições muitas pessoas boas já se fazem presentes, o fechamento e a cobrança certamente atrairiam as senhoras, “as cariocas vão com grande entusiasmo”. Assim uns iriam pelas corridas, outros pelas moças e muitos pela reunião que apresentaria então “ordem e gosto”.

A arquitetura da mudança é posta entre a concessão gratuita do terreno pela câmara, pois munícipes lucrariam com a despesa de apostadores na cidade, e uma associação que se propusesse a construir o Prado, assim recuperando seus gastos com os dinheiros dos ingressos nos dias de carreiras, uma cidade rica como Campinas facilmente venderia cento e cinquenta ações pela sociedade particular levantando capital para tal empreita, um alto muro de tijolos, a arquibancada e um todo para proteção contra o sol, enaltece então “já se vai desenvolvendo o espírito de associação”.

Se preocupa o proponente com a dinâmica das corridas, corridas em círculo não eram comuns, mas defende, no Rio e na Europa se acostumaram a correr perfeitamente, propõem resolução para possível impasse com um semicírculo, onde as duas últimas quadras estariam em uma reta. Importante seria que após inscrição de valor limitado, as carreiras só seriam conhecidas as vésperas, impedindo que os concorrentes soubessem contra quem correriam, tornando “difícil as bandalheiras”. Por fim acresce o lucro para a cidade com o aperfeiçoamento da raça a partir dos Resultados das corridas.

Na sequência desta matéria, em “notícias”, o próprio jornal chama a atenção e se associa as ideias propostas, a criação do hipódromo seria para os editores do jornal vantajoso, pois não só “educaria o gosto” pelo gênero de entretenimento mas também promoveria o aperfeiçoamento da raça dos animais, uma empresa que se presasse a realizar tal empreita, certamente levantaria grandes lucros, levantando ainda o apreço dos moradores locais de fora pela cidade.

Em um novo artigo “Corrida” Souza (1871b, p. 1-2) surgem novos argumentos para a construção do hipódromo em Campinas, como se transformaria o atual sistema de carreiras, que não produziam rendimento algum mas incômodos e despesas incalculáveis em poderoso empreendimento, uma série de cálculos vão a necessidade de reorganizar e dirigir os estatutos de um novo prado, afastando as “chufas e grosserias dos homens ordinários” do controle das corridas, para os de fato amantes deste divertimento passassem a desfrutá-lo em outra perspectiva, a da ordem, como na referência do exemplo parisiense de 1933 onde quatorze jovens reunidos investem em um prado e em dezesseis anos essas já distribuíam milhões de francos em prêmios, “o gosto estava introduzido em França, e a raça cavalar consideravelmente melhorada”.

Encerra então, comparando o “*systema* caboclo de assentadas” (partidas) ao “*systema* moderno”, assim, entendemos, resumindo todo sistema comparativo da proposta, um modelo arcaico, “bárbaro”, dando lugar a um modelo civilizado de corridas de cavalos, “é preciso melhorá-lo”, se coloca então pronto a concorrer por algumas ações e de boa vontade, a trazer para este centro civilizado, de maioria de gente “*illustra* e rica” esta nova organização das parelhas.

O jornal emite nota expondo posição favorável e convocando as “pessoas competentes” a prestar real serviço a estimada terra, “beneficiando-a com melhoramento da mais incontestável importância”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As décadas de 1870 e 1880 impactada pelo acúmulo do capital da produção do café em Campinas apresentaram singular crescimento urbano, conseqüentemente o período apresentou também questões de ordem sanitária e da ordem moral, a disputa sobre as condutas e padrões de convivência formaram um palco de transformações arquitetônicas e sociais, nesse sentido as mudanças do processos produtivos modificam as relações do tempo de trabalho e do tempo livre inclusive pelo sentido dado pelo próprio capital.

Assim o controle do tempo como domínio da vida dos indivíduos e a organização social na produção capitalista “é no fundo uma batalha civilizacional” (PAOLETI apud. ANTUNES, pág. 174), e além de apresentar formas de opressão, exploração e estranhamento no mundo produtivo também o faz no espaço reprodutivo fora do mundo do trabalho nas esferas materiais e simbólicas.



Na experiência das corridas de cavalos em Campinas, é possível encontrar relações deste campo de disputas, das experiências narradas de forma rudimentar pelos cronistas do período de desenvolvimento, a construção de um discurso do periódico que visava capturar o imaginário em torno de novos sentidos no momento, uma reorganização da circulação das pessoas nas áreas urbanas em crescimento, em perspectiva civilizatória e moderna até a fundação do clube de corridas do Jockey Club e do *Hyppodro* de Campinas e suas atividades.

SPEECHES AND POPULAR ENTERTAINMENT: THE HORSE RACING IN CAMPINAS IN 1870

ABSTRACT

The aim of this study is to discuss the creation of the Jockey Club of Campinas, from a history problematization, and the relationship between the mode of production of life and popular entertainment. Through a critical analysis of the literature about the newspapers chroniclers and the field of social historiography of the city in that time, it is possible to observe the affinities of the fun's organization speeches and the new reality of the production that was established.

KEYWORDS: *leisure activity, history, Campinas*

DISCURSOS Y DIVERTIMIENTOS POPULARES: LAS CARRERAS DE CABALLOS EN CAMPINAS EN LA DÉCADA DE 1870

RESUMEN

El objetivo del trabajo es discutir, a partir de una problematización de la historia, la creación del Jockey Club de Campinas y las relaciones entre el modo de producción de vida y las diversiones populares. A partir del análisis crítico de la literatura de los cronistas de los periódicos y del campo de la historiografía social de la ciudad del período es posible percibir las afinidades de los discursos de la organización de la diversión y la nueva realidad de la producción que se establecía.

PALABRAS CLAVES: *actividad de ocio, historia, Campinas*

REFERÊNCIAS

- AMARAL, L. *Campinas, recordações*. São Paulo: O estado. 1925.
- BIANCONI, M. R. *Dinâmica Econômica e formas de sociabilidade: aspectos da diversificação das atividades urbanas em Campinas (1870-1905)*. 2002. Dissertação Mestrado Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas.
- GALZERANI, M. C. B. *O Almanaque, a locomotiva da cidade moderna: Campinas, décadas de 1870 e 1880*. Campinas, SP - : UNICAMP/CMU Publicações, 2016.
- SEMEGUINI, U. C. *Do café a indústria. Uma cidade e seu tempo*. Campinas, SP. Editora da Unicamp. 1991.
- LAPA, J. R. A. *A Cidade: Os Cantos e os Antros: Campinas 1850-1900*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.
- MARX, K. *Contribuição à Crítica da Economia Política*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- MARX, K. Introdução à Crítica da Economia Política. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- PAOLETI, G. apud. ANTUNES, R. *Sentido do Trabalho*. São Paulo, Boitempo Editora. 1999, p. 174.
- SEMEGUINI, U. C. *Do café a indústria. Uma cidade e seu tempo*. Campinas, SP. Editora da Unicamp. 1991.
- SOUZA, J.P. Corridas. *Gazeta de Campinas* 20 Ago. 1871
- SOUZA, J.P. Corridas. *Gazeta de Campinas* 31 Ago. 1871

